

# HOMENAGEM ÀS AVESSAS: PRESSUPOSIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO EM UMA PUBLICAÇÃO DO S.C. INTERNACIONAL NO DIA DA MULHER

Matheus da Silva MEDEIROS

Michelle Gomes dos SANTOS

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mónica Graciela Zoppi Fontana

**RESUMO:** Neste artigo, estudamos a construção discursiva de uma publicação realizada pelo S.C. Internacional no dia da Mulher que pretendia homenagear as torcedoras coloradas. Em um primeiro momento, a partir da Análise do Discurso de linha francesa, refletimos tanto sobre as condições de produção da postagem quanto sobre os deslizamentos de sentidos produzidos pela republicação na página *QUEERlorado*. Em outro momento, à luz da Semântica Argumentativa, analisamos a argumentação construída pela homenagem, mobilizando teoricamente conceitos como os de *dupla enunciação*, *ironia*, *pressuposição* e *topos*. Nossa investigação se deteve na organização das relações argumentativas por uma visão historicamente constituída sobre as mulheres, que torna lugar-comum que se fale *sobre* elas e *por* elas. A partir disso, refletimos sobre os efeitos de exclusão desse discurso *sobre/por*, que produz silenciamento de vozes e repete representações históricas sobre a mulher que justificam a dominação masculina.

**Palavras-chave:** semântica argumentativa, argumentação, polifonia, pressuposição, desigualdade de gênero.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar os sentidos construídos sobre a mulher em uma homenagem publicada, no dia da Mulher, pelo clube gaúcho Internacional. Para tanto, nos ancoramos no referencial teórico da Semântica Argumentativa para estudar o funcionamento de fenômenos como o da *ironia*, *dupla enunciação*, *pressuposição* e *topos* no encadeamento argumentativo da postagem realizada pelo clube, ao mesmo tempo em que, fundamentados pela Análise do Discurso (doravante AD) de linha francesa, buscamos refletir sobre os deslizamentos de sentido e as condições de produção da publicação. Neste artigo, passamos inicialmente pela análise das condições de produção da homenagem, a partir do referencial teórico da AD. Em um segundo momento, apresentamos os postulados teóricos da Semântica Argumentativa desenvolvida por Ducrot e encerramos com a análise da homenagem, a partir dos postulados teóricos apresentados.

## 2. SITUANDO O PROBLEMA: AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA PUBLICAÇÃO

Pensamos as condições de produção (ORLANDI, 2010) tanto em sentido amplo – o contexto sócio-histórico, ideológico que determina os dizeres e sentidos – quanto em contexto imediato – que envolve os sujeitos e instituições os quais, em nosso caso, se responsabilizam pela publicação. Em nossa leitura das condições de produção da homenagem publicada, entendemos que o futebol não está alheio aos modos de funcionamento da sociedade, mas inserido na formação social capitalista. De acordo com Noble e Medeiros (2015), a formação social capitalista tem como base a relação entre consumo, mercadoria e sujeito, constituída pelo esquecimento (TFOUNI, 2003 apud NOBLE; MEDEIROS, 2015) de toda a rede de produção que tem como resultado o produto, que se apresenta como já-pronto para os sujeitos.

Em se tratando desse esporte, a paixão e a excitação com os jogos a partir da identificação com um clube de futebol funcionam como um produto: constituem-se como o motor que faz funcionar as relações econômicas que permeiam o futebol, desde a venda de ingressos nos estádios até a venda de produtos oficiais do clube (camisetas, bermudas, canecas, chaveiros, etc.). Quando se compra um ingresso para assistir ao jogo do seu time, o torcedor anseia pela vitória, e sobretudo, pela excitação. Ao mesmo tempo, como analisa Damo (2006, p. 41), é possível verificar no vocabulário esportivo palavras advindas de um conhecimento aplicado à gestão de capitais, como “foco”, “meta”, “objetivo”, “resultado” e “superação”, de modo que a presença de um *ethos* capitalista pode ser observada desde a retórica dos discursos dos vestiários, até o fato de esportistas célebres serem pagos para palestrar para profissionais da economia, da administração e do marketing. Apesar disso, o autor ressalta que, “assim como a publicidade não sobreviveria se, ao invés de criar fantasias, se voltasse contra elas, a mídia esportiva e os espetáculos que ela promove iriam à baila se eles fossem tratados com a frieza, a seriedade e o utilitarismo do mundo dos negócios” (2006, p. 41). Em nossas palavras, e baseados em Damo, o esquecimento das redes de relações econômicas é a condição para que se promova o espetáculo futebolístico e a excitação, em suma, para que o futebol se venda como produto.

Noble e Medeiros (2015) analisam no artigo *Dia das mulheres fail* um recorte de publicações do *Tumblr* homônimo, que reúne conteúdos publicitários voltados para o dia da Mulher sob a óptica da crítica ao discurso machista. Para as autoras, é justamente a formação social capitalista que fundamenta um campo discursivo da publicidade. E o discurso publicitário,

mais do que a venda, tem como foco o reforço de uma *marca* a partir do que seria entendido como uma data comemorativa [...] [I]mporta ressaltar que essa é uma das estratégias de posicionamento que as empresas assumem: se fazer sempre presente na vida do consumidor, não somente pelo anúncio de produto, mas também a partir de conteúdos que envolvam o consumidor. (NOBLE; MEDEIROS, 2015, p. 97, grifo das autoras)

Entendemos que o nosso objeto de análise, a publicação da homenagem ao dia da Mulher postada na página oficial do Internacional, encontra-se também inscrito no campo discursivo publicitário. Nesse sentido, a partir da formação social capitalista, o Internacional se constitui como um clube-empresa que busca tornar a própria marca atraente, e o faz pela presença na vida do consumidor e pela publicação de conteúdos que o envolvam e fortaleçam/estabeleçam sua identificação com o clube. Esses conteúdos projetam uma imagem sobre a marca, de modo que “ao publicar anúncios sobre o dia das mulheres, as empresas buscam afirmar a notoriedade, bem como ampliar a imagem e gerar lealdade à sua marca através do que consideram ser uma homenagem, uma parabenização, ou seja, uma data a ser comemorada” (NOBLE; MEDEIROS, 2015, p. 97).

Os sentidos produzidos por essas parabenizações materializam, na língua, modos de ver e se referir à mulher que podem repetir ou deslocar as representações femininas que historicamente justificaram a dominação masculina. Colocam-se, assim, questões importantes, para além de como a mulher está sendo representada, como: *Quem* parabeniza e *pelo que* parabeniza? Como se dá essa construção discursiva e quem está autorizado a parabenizar? Essas questões serão retomadas por nós durante a análise, uma vez que demonstram, no discurso, as divisões sociais do direito de enunciar (cf. ZOPPI-FONTANA, 1999), e os efeitos de exclusão produzidos pelos discursos que falam pelo outro. A partir da argumentação na publicação do Internacional, será possível perceber “as divisões das línguas e dos falantes em relação aos direitos ao dizer, aos modos de dizer e às posições ideológicas (interdiscursivas) que os determinam como base de constituição das relações argumentativas” (ZOPPI-FONTANA; ELIAS DE OLIVEIRA, 2016, p. 124).

Dedicaremos os próximos tópicos a uma breve revisão bibliográfica da teoria de Ducrot, enfatizando os principais conceitos que serão mobilizados por nós durante a análise argumentativa da publicação do Internacional, abordando as noções de polifonia, pressuposição e a Teoria da Argumentação na Língua (TAL).

### 3. ENUNCIADOS POLIFÔNICOS E A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

Ducrot é um dos principais fundadores da Semântica Argumentativa. Nesse campo teórico, em um enunciado, a argumentação pode ser composta por várias vozes, trazendo dois ou mais enunciadores e, conseqüentemente, dois ou mais pontos de vistas, caracterizando os enunciados polifônicos. Retomando o trabalho de Ducrot, Guimarães (1995) explica que a argumentação é tratada pelos autores como um enunciado que leva a uma conclusão, que dá diretividade ao dizer. A argumentação também se situaria no plano das relações intratextuais e não estaria relacionada com uma suposta “intenção” do falante, pois é “própria” da língua. A diretividade argumentativa se sustenta pelos *topoi* – como os autores se referem ao externo à língua, que é por ela convocado –, e que se definem como

um princípio argumentativo, um lugar-comum argumentativo, que serve de intermediário entre o argumento e a conclusão. É a garantia que assegura a passagem do argumento à conclusão. É comum, no sentido de que é compartilhado pela comunidade de fala; é geral porque vale para diversas situações de fala; é gradual porque põe em relação duas propriedades graduais, duas escalas. Derivada da noção de gradualidade surge a noção de formas tópicas: quanto mais P, mais Q; quanto menos P, menos Q e quanto menos P, mais Q. (BARBISAN; TEIXEIRA, 2002 apud RESENDE, 2016, p. 110-1)

O conceito de polifonia, como é definido em Ducrot (1987), surge de um questionamento à unicidade do sujeito e à ideia de que há apenas um autor para um enunciado. Para Ducrot (1988), o locutor de um enunciado não se expressa diretamente, utilizando-se de vários personagens para expressar diferentes pontos de vista/attitudes, organizados e trazidos pelo locutor de modo a construir o sentido do enunciado.

Ducrot defende a possibilidade da existência de mais de um autor para determinados enunciados, ou seja, sua origem poderia vir de mais de um sujeito. Ao analisar a sobreposição de vozes no enunciado, o autor distingue no sujeito do discurso dois personagens: os *enunciadores* e os *locutores*. O locutor é aquele que se responsabiliza pela enunciação/pelo dizer, a quem se refere o pronome *eu* e as marcas de

primeira pessoa. Esse locutor pode trazer enunciadores, isto é, pontos de vista/attitudes que ele organiza para a construção do sentido do enunciado. Ao organizar os pontos de vista, o locutor pode assimilar este ou aquele enunciador. Nas palavras de Ducrot (1987, p. 193):

[...] o locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as attitudes. E sua posição própria pode se manifestar seja porque ele se assimila a este ou aquele dos enunciadores, tomando-o por representante (o enunciador é então atualizado), seja simplesmente porque escolheu fazê-los aparecer, e que sua aparição mantém-se significativa, mesmo que ele não se assimile a eles [...]

Assim, a teoria da polifonia se caracteriza por postular que há múltiplas vozes e pontos de vista em uma cena enunciativa, em contraponto ao postulado de que só há uma voz que fala em um enunciado e de que o sujeito é *uno*. A ironia, a pressuposição, a negação e a dupla enunciação são algumas das formas de polifonia mais frequentes nos enunciados. No caso dos enunciados em que há dupla enunciação,

[...] o próprio sentido do enunciado atribuiria à enunciação dois locutores distintos, eventualmente subordinados – o que não é mais extravagante que atribuir-lhe propriedades jurídicas, argumentativas ou casuais de que falei mais acima. Certamente do ponto de vista empírico, a enunciação é ação de um único sujeito falante, mas a imagem que o enunciado dá dela é a de uma troca, de um diálogo, ou ainda de uma hierarquia das falas. (DUCROT, 1987, p. 186)

Retomando a relação entre locutor e enunciador, a utilização de operadores argumentativos (por ex. *já, quase, ainda, apenas* etc.) é sinal de que há mais de um ponto de vista sendo trazido pelo locutor do enunciado. De acordo com Ducrot (1989), os operadores argumentativos impõem condições e orientam a força/direção argumentativa de um enunciado, e pressupõem a existência de um *topos*, que organiza a relação entre dois predicados *p, q.*, como desenvolvido na Teoria da Argumentação na Língua (TAL) por Ducrot e Anscombe (DUCROT, 1989). Esses predicados *p, q.* podem ser contrários ou convergirem em uma mesma direção argumentativa, o que é sinalizado pelos operadores argumentativos e pela relação dos predicados com o *topos*.

Como princípio argumentativo, o *topos* tem pelo menos três propriedades: 1) a universalidade, sendo comum a um conjunto de locutores; 2) a generalidade, podendo ser aplicado a um grande número de situações análogas; e 3) a gradualidade, que se refere ao grau de aplicação do argumento e que se relaciona com a força argumentativa. Ducrot (1989) toma como exemplo o enunciado “Está calor, vamos à praia”. A relação entre temperatura e agradabilidade da praia só pode ser compreendida por se organizar em torno de um *topos*: “o calor torna a praia agradável”, que é partilhado por um ou mais locutores, podendo ser aplicado a mais de uma situação de interação. Além disso, a relação estabelecida entre *calor* e *praia* sugerem uma escala *+p, +q.*, em que quanto mais calor, mais agradável ir à praia.

O autor defende que, das frases constitutivas de uma língua, pode-se compreender os sentidos de seus enunciados no discurso. Dessa forma, “a argumentação está na língua” é o princípio da TAL, pois a argumentação está marcada nas escolhas linguísticas. Essa perspectiva contrasta com a dos estudos da retórica, fundada por Aristóteles no século IV e que tomava a argumentação como objeto de estudo. A retórica se apresentava como arte e técnica da persuasão, que tinha como modelo o discurso jurídico (FUCHS, 1985). Por longos anos, a retórica reduziu a argumentação a figuras de estilo (GUIMARÃES, 1987), de maneira que a língua era reduzida a uma ferramenta por meio da qual pode-se selecionar argumentos com o intuito de persuadir ou se chegar à verdade única. Para os estudos da enunciação, a argumentação é constitutiva da língua e não deriva de condições de verdade ou da lógica (GUIMARÃES, 1987).

### 3.1 Pressuposição e argumentação: o implícito na língua

Ao elaborar a tese sobre o fenômeno da pressuposição, Ducrot (1977) afasta-se de uma concepção de língua definida como um código, responsável por transmitir informações de um indivíduo a outro. Isso porque alinhar-se a essa concepção seria como admitir que todo conteúdo transmitido pela língua é explícito: afinal, bastaria saber decifrar o código, na medida em que a informação ou estaria dita ou não teria sido dita. Ducrot postula que o implícito é uma necessidade, primeiramente, porque há na língua temas ou conteúdos que constituem tabu ou que são protegidos por uma espécie de lei do silêncio. Há formas de atividades, sentimentos e acontecimentos dos quais não se fala ou se evita falar, informações que o locutor não se dá o direito de transmitir. Outra razão é que toda opinião e afirmação está suposta a ser contradita, sendo um tema possível de discussão, de modo que o locutor pode optar por não expor sua opinião explicitamente, não a transformando em objeto contestável. Por essas razões, o implícito se configura como

um posicionamento ou pensamento expressado pelo locutor, mas de maneira escondida, a partir de símbolos que tornem acessível tal conteúdo implícito. Dessa forma, o locutor diz o que desejava dizer, sem ser obrigado a se responsabilizar pelo que disse. Segundo o autor (1977, p. 20),

O problema geral do implícito [...] é saber como se pode dizer alguma coisa, sem contudo aceitar a responsabilidade de tê-la dito, o que, com outras palavras, significa beneficiar-se da eficácia da fala e da inocência do silêncio. [...] O locutor reduz sua responsabilidade à significação literal, que, como mostramos, pode sempre apresentar-se como independente. A significação implícita, por sua vez, pode, de certo modo, ser posta sob a responsabilidade do ouvinte: este é tido como aquele que a constitui, por uma espécie de raciocínio, a partir da interpretação literal, da qual, em seguida, ele tiraria, por sua conta e risco, as consequências possíveis.

Esses procedimentos de implicação podem ser não-discursivos ou discursivos. Os primeiros são os subentendidos, que, para Ducrot, não fazem aparecer mecanismos interiores à língua para produção do conteúdo implícito, incidindo sobre o próprio fato da enunciação. Nesses casos, depreender o conteúdo implícito exige um raciocínio do interlocutor em torno da situação de interação.

No caso dos pressupostos, existem marcas lexicais e do signo linguístico envolvidos na produção do implícito. Cabral (2010, p. 62), recuperando Ducrot, afirma que “o pressuposto [...] não depende apenas do raciocínio do interlocutor, uma vez que ele está inscrito na língua, no significado das frases que compõe o enunciado em que se encontra”. A autora traz o exemplo “Pedro parou de fumar”, em que analisa o *posto* e o *pressuposto* presentes no enunciado. Como ela explica, os enunciados normalmente *põem* algo. Isto é, o *posto* refere-se ao que está explicitamente dito. O enunciado *põe* que Pedro parou de fumar e *pressupõe* que Pedro fumava antes. O pressuposto se realiza pelo verbo “parar de”, do qual se pressupõe que uma ação anteriormente era realizada com regularidade. Ou seja, é um implícito produzido a partir de uma marca linguística, e desde que se compreenda o sentido do verbo “parar de”, é possível compreender as duas significações.

O conteúdo pressuposto trata de uma informação que o locutor considera comum aos participantes da interação. Cabral (2010, p. 80) ressalta que o pressuposto “constitui o conteúdo que o locutor assume como verdadeiro e sobre o qual não quer ser questionado”, posto à margem da discussão. Para o desenvolvimento da interação, o pressuposto partilhado determina que o interlocutor o aceite, sendo a condição para o encadeamento discursivo. Sendo assim, o locutor se isenta da responsabilidade sobre o conteúdo pressuposto, já que o diálogo posterior não tratará dele, mas do conteúdo posto, e “faz passar” o implícito (MAINGUENEAU, 1997). Esse gesto do locutor de colocar o pressuposto à margem da discussão, de modo a não ser questionado, é uma importante ferramenta argumentativa e, como ressalta Maingueneau (1997), também manipulativa. O autor afirma que, sob a luz da teoria da polifonia de Ducrot, a informação *posta* é assumida pelo locutor, enquanto a informação *pressuposta* é imputada a um sujeito indefinido, outro enunciator.

Na próxima seção, analisaremos a homenagem do S.C. Internacional ao dia da Mulher, posteriormente excluída devido a uma forte repercussão negativa nas redes sociais.

#### **4. A POLÊMICA DA HOMENAGEM: POLIFONIA E ARGUMENTAÇÃO EM UMA PUBLICAÇÃO DO S.C. INTERNACIONAL**

No dia 8 de março de 2016, a página *QUEERlorado*<sup>1</sup> realizou uma postagem no *Facebook* denunciando uma publicação postada, porém posteriormente excluída da página oficial do Internacional. A publicação em questão se referia a uma homenagem do clube às torcedoras coloradas, em razão do Dia Internacional da Mulher. Em reação à homenagem, a *QUEERlorado* solicitou aos seus seguidores que, caso tivessem salvado a postagem, que a enviassem nos comentários. A publicação da *QUEERlorado*, após isso, é atualizada com a postagem excluída da página oficial do clube.

---

<sup>1</sup> A *Queerlorado* é um movimento de torcedoras e torcedores colorados que reivindicam um futebol menos LGBTfóbico, misógino e racista. A página pode ser visitada no link: <<https://www.facebook.com/queerlorado>>. Acesso em 5 dez 2019.



QUEERlorado

8 de março de 2016 · Porto Alegre · 🌐

O Sport Club Internacional tirou do ar a "homenagem" em que dizia que a maior conquista das mulheres coloradas era sua admiração. Infelizmente, não printamos (se alguém tiver, compartilha aí nos comentários). Pegou mal. Há tanto o que falar: desde a presença nas arquibancadas até no campo, como jogadoras ou árbitras, passando pelos cargos políticos do futebol. E ainda há muito a conquistar. A começar pelo respeito do nosso próprio clube!

Será que o Inter virá com um pedido de desculpas ou vai fingir que não aconteceu? Esperamos que o Clube do Povo pense melhor antes de se manifestar novamente...

Update: Eis o tal card que gerou inúmeros comentários negativos na fanpage do Inter.



Figura 1<sup>2</sup>

É possível observar o fenômeno da dupla enunciação na cena enunciativa da publicação da *QUEERlorado*, uma vez que a comunidade edita a própria publicação, acrescentando a imagem que causou polêmica na publicação do Internacional. Ainda que a imagem publicada pelo Internacional esteja acompanhando também a postagem da *QUEERlorado*, o locutor do coletivo *queer* não se responsabiliza pelo enunciado da imagem e o afasta de si. A responsabilidade pelo enunciado da imagem é imputada a um outro locutor, o Internacional, podendo-se observar na publicação da torcida *queer* uma pluralidade de locutores.

Uma das estratégias utilizadas pelo locutor da *QUEERlorado* para se afastar da responsabilidade pelo enunciado do Internacional é a utilização das aspas em torno da palavra *homenagem*. A palavra aparece também na imagem publicada pelo Internacional, centralizada à margem inferior, no enunciado “uma homenagem do Internacional a todas as torcedoras coloradas, no Dia da Mulher”. Ao ser apropriada pela *QUEERlorado* em sua publicação, a palavra *homenagem* não está significada da mesma forma, pois o seu sentido é questionado pela utilização das aspas.

Em Maingueneau (1997), recuperando o trabalho de Authier-Revuz (1990), a palavra aspeada, ao mesmo tempo que é integrada ao enunciado, é marcada como estranha, como se estivesse acompanhada de “como diz X”. O efeito de distanciamento é provocado de maneira que as aspas marquem que o locutor não assume ou reconhece os sentidos atrelados à palavra *homenagem* para qualificar a postagem do Internacional, caracterizando o funcionamento irônico (cf. DUCROT, 1987) da palavra. O locutor apresenta a posição de um enunciador (E), que qualifica a postagem como *homenagem*, ao mesmo tempo em que, pelo uso das aspas, considera absurdo esse ponto de vista e não o assimila, embora seja responsável pela

<sup>2</sup> Postagem realizada no dia 8 de março de 2016. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/queerlorado/photos/a.166378976855064/539569766202648/?type=3&theater>> Acesso em 30 nov 2018.

enunciação. Sendo assim, as aspas constituem, nesse caso, uma sinalização a partir da qual o locutor se distingue do enunciador que é a origem do ponto de vista da *homenagem*, e essa distinção também serve para que o locutor se distancie da palavra que poderia causar a crítica, no contexto de uma publicação realizada em uma página autointitulada anti-LGBTfobia, antirracismo e anti-machismo. Pela AD, podemos pensar que há um deslizamento de sentidos produzido pela repostagem da *QUEERlorado*, uma vez que a publicação original construiu sentidos de parabenização das torcedoras coloradas pela admiração masculina, posta como mérito para essas torcedoras. Com a repostagem pela torcida, os sentidos deslizam, já que a homenagem é denunciada pela torcida como filiada a um discurso machista.

#### 4.1 O locutor-homem do Internacional: as homenageadas como “outsiders”

Tendo explorado o funcionamento polifônico da dupla enunciação e da ironia na enunciação da *QUEERlorado*, nos detemos agora na publicação original do S.C. Internacional, desqualificada enquanto homenagem às mulheres. A partir da noção de *pressuposto* e de *topos* da Semântica Argumentativa, pretendemos analisar a construção na enunciação de um dizer sobre as mulheres que levou à repercussão negativa da postagem. Na frase principal da publicação, lê-se:

- (a) Mesmo depois de tantos títulos, a maior conquista delas continua sendo a nossa admiração.

A homenagem às mulheres é construída a partir de pressupostos e paralelamente ao jogo argumentativo construído pela oração subordinada. Para analisar a construção desses pressupostos, é relevante que reflitamos sobre o funcionamento dos pronomes *delas* e *nossa* no enunciado. *Nossa* é um pronome possessivo na 1ª pessoa do plural, significando um grupo de pessoas que enunciam no discurso e que se identificam pela assinatura do time.

*Delas* funciona como um pronome possessivo, e como referente ao outro no discurso, ao *elas*, opõe-se à personalidade das categorias eu/tu. Esse *delas*, pelo funcionamento da não-pessoa de Benveniste (2005), identifica aquele de quem se fala e também uma posse daquele de quem se fala. O outro no discurso designado pelo pronome *delas* é explicitado no trecho “uma homenagem do Internacional a todas as torcedoras coloradas”, a partir do qual se pode compreender que as homenageadas são as torcedoras coloradas, e não as torcedoras de outros times, as jogadoras ou as mulheres que não torcem.

Uma vez que o pronome *delas* remete àquele de quem se fala, e não àquele para quem se fala, colocamos a seguinte questão: a quem se dirige o locutor da postagem se não para as mulheres torcedoras do seu clube? Por meio da oposição *delas* x *nossa*, o enunciado sinaliza que o *eu* se identifica de duas formas equivalentes: (1) a partir do sintagma nominal *nossa admiração*, que se constrói em oposição a *delas* e se coloca na posição de homenagear as torcedoras coloradas no dia da Mulher; e (2) a partir da assinatura, que remete ao clube Internacional. Esse *eu* fala para um *tu* que não é identificado explicitamente, mas sabe-se, por meio do distanciamento das torcedoras do clube, que este *tu* faz parte do grupo em que o *eu* está inserido, por efeito do pronome *nossa*. Dessa forma, a postagem do clube se coloca como uma homenagem às mulheres, mas não fala *com elas*, e sim *sobre elas* para um *tu* que, assim como o *eu*, é o sujeito da admiração pelas mulheres coloradas. O clube homenageia as mulheres coloradas dialogando com um *tu* que não são elas, e que se distancia delas a partir do efeito de não-pessoa.

Essa reflexão leva à seguinte questão: O que está sendo entendido como o locutor Sport Club Internacional? A diretoria? O clube? A partir da contraposição com o *delas*, depreende-se que as torcedoras estão fora, e não dentro do clube; do contrário, seria uma auto-homenagem. Assim, são produzidos efeitos de exclusão, construídos pelo enunciado ao colocar a mulher como objeto do discurso e do dizer, em um dia significado pelos movimentos feministas como um dia de luta contra às desigualdades de gênero – luta esta que passa pela denúncia aos estereótipos de gênero, ao silenciamento da voz e do protagonismo das mulheres. A partir do funcionamento de um subentendido de que o clube é masculino, construído ao situar as torcedoras coloradas fora do clube, a instituição Sport Club Internacional projeta um locutor-homem. A participação das torcedoras coloradas é invisibilizada dentro do clube, que se projeta como gerido por homens, e também se dirige a outros homens até mesmo quando pretende homenagear a mulher. Nessa construção, as mulheres são *outsiders*: elas não participam do clube e estão fora do clube, mas são lembradas pela instituição no dia da Mulher. A pergunta que procuraremos responder agora é: como são lembradas?

#### 4.2 Os pressupostos e a constituição de um dizer sobre a mulher

Para responder essa questão, nos voltamos para a construção dos pressupostos no enunciado, que são sustentados por algumas marcas linguísticas. Uma delas é o verbo *continuar*. O verbo *continuar* é um verbo iterativo, que, segundo Cabral (2010), pressupõe que a ação do verbo vinha acontecendo anteriormente. Dessa forma, o enunciado “mesmo depois de tantos títulos, a maior conquista delas continua

sendo a nossa admiração” pressupõe que, antes mesmo das mulheres coloradas terem *títulos*, a admiração masculina já era a maior conquista delas, e que nenhuma conquista foi maior do que essa.

Outra marca linguística que apoia a construção de um pressuposto no enunciado é o advérbio *depois*. Maingueneau (1997) e Cabral (2010) analisam a categoria de expressões temporais como *depois*, *de novo*, *hoje*, *cedo*, *tarde*, entre outros, como *marcadores aspectuais ou iterativos*. Esses marcadores, em geral, indicam que a ação a que eles se referem já havia acontecido antes. No enunciado, *depois* pressupõe um outro momento em que as torcedoras coloradas não tinham tantos títulos ou até mesmo não tinham nenhum. O advérbio *depois* encontra-se aliado ao advérbio *mesmo* no enunciado, de forma que o operador argumentativo *mesmo depois* funciona como concessão. Segundo Koch (2001), os operadores adversativos (*mas*, *entretanto*, *no entanto*, *todavia* etc.) e concessivos (*ainda que*, *embora*, *posto que*, *apesar de que* etc.) contrapõem argumentos de conclusões contrárias. O funcionamento desses operadores se dá com a introdução, pelo locutor, de um possível argumento *p* para uma conclusão R, para depois contrapô-lo um argumento *q* que ele, enquanto locutor, assimila, e leva a uma conclusão contrária: não-R ou ~R. Koch recupera Ducrot para explicar que, nesse processo, há entrechoque entre vozes, sendo possível se observar o fenômeno da polifonia. Nas palavras da autora (2001, p. 35):

Ducrot ilustra esse esquema argumentativo recorrendo à metáfora da balança: o locutor coloca no prato A um argumento (ou conjunto de argumentos) com o qual não se engaja, isto é, que pode ser atribuído ao interlocutor, a terceiros, a um determinado grupo social ou ao saber comum de determinada cultura; a seguir, coloca no prato B um argumento (ou conjunto de argumentos) contrário, ao qual adere, fazendo a balança inclinar-se nessa direção (ou seja, entrecocam-se no discurso “vozes” que falam de perspectivas, de pontos de vista diferentes – é fenômeno da polifonia [...])

Para Koch (2001), a diferença entre os operadores adversativos e concessivos está na estratégia argumentativa utilizada pelo locutor. Enquanto no caso dos operadores adversativos o locutor faz vir um argumento que leva a uma conclusão R, para em seguida introduzir outro argumento que levará à conclusão não-R, no caso dos operadores concessivos, a estratégia utilizada é de *antecipação*, pois o locutor já anuncia, de antemão, que o argumento introduzido será anulado pelo argumento seguinte. O interlocutor é capaz de reconhecer, pela estrutura concessiva, que aquele argumento concessivo possui menos força argumentativa que o outro decisivo.

No caso do enunciado que analisamos, o argumento de que a admiração dos homens ainda é a maior de todas as conquistas das mulheres coloradas é o mais forte. Ou que mesmo dentre todos os títulos do clube, que seriam também conquistas das torcedoras, a admiração masculina ainda é o mais importante para elas, o argumento que carrega mais força. A diretividade desse argumento é orientada por um *topos*, um posicionamento que se pressupõe comum a todos e que assegura a passagem do argumento para a conclusão: “apesar de outras conquistas, nós (homens) ainda te admiramos”, que se sustenta por uma relação diretamente proporcional entre a admiração do homem e a realização/o valor da mulher. Dessa forma, a relação argumentativa no enunciado principal da postagem que pretendia homenagear as mulheres é organizada pela visão historicamente constituída de que a mulher apenas se realiza enquanto sujeito a partir do olhar e da aprovação do homem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa análise de uma homenagem do S.C. Internacional ao dia da Mulher, buscamos estudar o funcionamento do encadeamento argumentativo da publicação com relação às divisões sociais do direito de dizer, a partir de um entendimento de que o discurso é o lugar material das disputas ideológicas e da luta de classes. Com base na Semântica Argumentativa em diálogo com a AD, analisamos a materialização na língua de uma divisão social de gênero a partir de pressupostos, expressões temporais, intensificadores etc. que construíram a repetição de sentidos com efeito de exclusão sobre a mulher. Sob a perspectiva discursiva, o argumentar traz uma memória, memória essa que determina a recepção do enunciado produzido, já que o locutor não tem controle sobre o dizer ou sobre seus efeitos de sentido, que são sobredeterminados historicamente na relação da língua com o inconsciente.

A repercussão negativa da postagem se justifica pela reprodução de uma visão historicamente constituída sobre a mulher, filiada a um discurso machista, que significa a mulher como submetida ao olhar de aprovação do homem. Pudemos observar isso na construção discursiva pelo enunciado da admiração masculina como o maior mérito da torcedora colorada. Não se direcionando às torcedoras, mas falando *sobre* elas, o discurso da homenagem e da parabenização – que, por si só, já contrasta com uma visão do dia da Mulher como dia de luta – desliza para a reprodução das relações assimétricas de gênero ao exaltar,

acima de qualquer outra conquista, a admiração de um *nós*, do gênero masculino, como central e essencial para a mulher.

Em um contexto de avanço das pautas feministas, que buscam combater a desigualdade de gênero inclusive nos ambientes mais misóginos, como ainda é o caso do futebol, era previsível que esse discurso, que significa a mulher sob o olhar do homem, encontraria resistência. Privilegiando tal olhar masculino como a maior conquista da torcedora colorada, a publicação repete os sentidos machistas que circulam historicamente quando não dá voz para a luta das mulheres, fazendo da homenagem um lugar para se *dizer sobre a mulher e dizer pela mulher*. Esse efeito é produzido pelo funcionamento da não-pessoa no pronome *delas*, que demonstra que a mulher é referida na enunciação como objeto do discurso, e não como sujeito, em um processo a partir do qual o Internacional encarna um locutor do gênero masculino, subentendendo-se que o clube é masculino. Em sua pretensa homenagem, o clube constrói a mulher como subserviente e dependente da aprovação da figura masculina, em um discurso atravessado pela ideologia patriarcal que se relaciona contraditoriamente com o(s) Feminismo(s) e com uma recente agenda política de conscientização sobre as iniquidades de gênero.

## REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, É. (2005) Problemas de linguística geral I. Ed. Pontes, Campinas, SP.
- CABRAL, A. L. T. (2010) A força das palavras: dizer e argumentar. Ed. Contexto, São Paulo, SP.
- DAMO, A. S. (2006). O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, E.; GUEDES, S. L. Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Intertexto Editora, Niterói, RJ.
- DUCROT, O. (1977) Princípios de Semântica Linguística: dizer e não dizer. Ed. Cultrix, São Paulo, SP.
- DUCROT, O. (1987) *O dizer e o dito*. Tradução de Eduardo Guimarães. Ed. Pontes, Campinas, SP.
- DUCROT, O. (1988) Polifonia y argumentación: conferencias del seminário Teoría de La Argumentación y Análisis del Discurso. Cali, Universidad del Valle.
- DUCROT, O. (1989) Argumentação e “topoi” argumentativos. In: GUIMARÃES, E. (Org.) *História e sentido na linguagem*. Ed. Pontes, Campinas, SP.
- FUCHS, C. (1985) As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórica e crítica. Tradução de Leticia M. Rezende. Ed. Alfa, São Paulo, SP.
- GUIMARÃES, E. (1987) Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português. Ed. Pontes, Campinas, SP.
- GUIMARÃES, E. (1995) Os limites do sentido. Ed. Pontes, Campinas, SP.
- KOCH, I. (2001) A inter-ação pela linguagem. 6ª ed. Ed. Contexto, São Paulo, SP.
- MAINGUENEAU, D. (1997) Novas tendências em Análise do Discurso. Tradução de Freda Indursky. Ed. Pontes, Campinas, SP.
- NOBLE, D. M.; MEDEIROS, L. V. A. (2015) Dia das mulheres fail: discursos em publicidade e feminismo. In: FLORES, G. G. B.; NECKEL, N. R. M.; GALLO, S. M. L. (Orgs.). Discurso, cultura e mídia: pesquisas em rede. 1ª ed. Unisul, Palhoça, p. 95-103. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/pesquisa/Discurso%20cultura%20e%20midia2.pdf>> Acesso em 09 mar 2020.
- ORLANDI, E. P. (2010) Análise de discurso: princípios & procedimentos. Ed. Pontes, Campinas, SP.
- RESENDE, S. M. (2016) “Oswald Ducrot e a argumentação na língua: a virada estruturalista na concepção dos sentidos”. *Caletoscópio*, v. 4, n. 7, jul-dez, p. 101-113.
- ZOPPI-FONTANA, M. G. (1999) Lugares de enunciação e discurso. *Leitura. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFAL)*, Maceió, v. 23, jan/jun-99, p. 15-24.
- ZOPPI-FONTANA, M. G.; ELIAS DE OLIVEIRA, S. (2016) Tá certo! Só que não... Argumentação, enunciação, interdiscurso. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 123-155. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/linhaagua/article/view/120001/120196> Acesso em: 29. nov. 2018.